

## VILÉM FLUSSER

Uma muralha separa a Cidade do Vaticano da Cidade Eterna. Uma muralha de significado ontológico? pergunta ingenuamente o recém chegado. Uma separação de dois reinos da realidade? Do lado de fóra a realidade histórica, a dos acontecimentos. A realidade dos cafés, das trattorias, das lojas, dos automóveis. A realidade do milagre económico e da segunda guerra. A realidade do fascismo e da primeira guerra. Do reino italiano, da libertação e das guerras bonapartistas. Do rococó, do barroco, e do glorioso renascimento. Dos castelos e das igrejas medievais, das invasões bárbaras e das catacombas. Do Império resplandesciente e triunfal, e da República sóbria e virtuosa. Dos etruscos e dos itálicos, e dos deuses fundadores. A realidade da Cidade Eterna. Eterna porque ilimitada na direção oposta à correnteza dos acontecimentos. É do lado de dentro a realidade transcendente das formas imutáveis. A realidade da superação do mundo das ilusões, da secularidade. A muralha como dique contra o qual se quebram as ondas dos séculos em seu furor impotente. Milagres económicos e etruscos banidos pela muralha ontológica que cerca o Vaticano. A não ser que se transfigurem pelo toque da chave de São Pedro. Que dêem o salto ontológico para abandonar os acontecimentos e penetrar as formas. Esta a pergunta ingénua do recém chegado.

A ingenuidade não perdura. A pergunta é desvendada logo como isenta de significado. A simples observação das portas que unem eternidade e transcendência, história e salvação, o mundo do aquém e o mundo do além, a simples observação dessas bilheterias transfere o núcleo do problema para um terreno totalmente diferente. A observação das portas é a observação de filas. Filas de ónibus com placas dos quatro cantos do mundo. Filas de automóveis de todas as procedências e marcas. Filas de taxis e de fiacres. E filas intermináveis de "turistas". Uma multidão variada e multicolor, atraída dos horizontes do mundo para o centro da fé e da beleza? Não: uma massa cinzenta e uniforme, (a despeito das suas cores berrantes), em fuga do tédio e em busca de sensações compráveis por dólar. As portas da muralha oferecem uma visão: não do passado, nem do transcendente, mas do futuro.

Observemos pois o futuro que aqui se apresenta. Observemos aquilo que no Brasil é virtualidade, mas aqui, acrescido de necessidade, alcançou realidade. Como é a humanidade futura? As categorias tradicionais falham para classificá-la. Classe social? São todos proletários aburguesados, enriquecidos e vulgarizados. "Raça biológica"? Embora ainda possam ser distinguidos os noruegueses dos centro-africanos e dos japonezes pelos traços do rosto, esta distinção já não diz respeito aos trajes e ao comportamento. Idade? Os jovens velhos e os velhos moços, as matronas de minissaia e as meninas de rosto cinzento desafiam essa categoria. Sexo? Os cabelos, as calças e o geito não problematizam apenas a distinção entre os dois sexos tradicionalmente reconhecidos, mas sugerem ainda o surgir de uma múltipla diversidade de novas variantes de sexo. Língua? Todos falam a mesma, com leves variantes: uma síntese entre um inglês de cozinha, um italiano de botequim, um alemão de bordel e um francês nené, com leves ingredientes de espanhol, russo e sueco. Prova que síntese não é superação, como acreditava Hegel.

VILÉM FLUSSER

As categorias tradicionais não classificam a humanidade futura. Eaverá outras que procurem repartir a massa amorfa? Certamente serão formuladas pelos sociólogos do futuro. Ou, se a sociologia progredir até eliminar sociólogos, serão formuladas pelos computadores competentes. Na minha qualidade dupla de decadente, (ainda sou homem), e de primitivo, (sou mau turista), sugiro estas: a categoria dos que mastigam chiclets, a dos que ainda sabem ler, (embora apenas guias de museus), a dos que soltam risadas ao verem cachorrinhos ou altares engraçadinhos, e a dos que não mastigam, nem lêem, nem olham, mas apenas percorrem. Essas quatro classes, (ou raças, ou nacionalidades) da humanidade futura podem constituir o fundamento de um novo desenvolvimento. Podemos imaginar, numa science fiction realista, futuras guerras de classes entre os mastigadores e os percorredores, guerras pela fronteira entre os leitores de guias e os doadores de risadas, misturas e variações entre eles, e a vitória final de uma supercategoria que sabe simultaneamente mastigar, ler, dar risada e percorrer o superhomem. E este superhomem surge, aqui e agora, em todo o seu esplendor, às portas da muralha que separa a Cidade Eterna da Cidade do Vaticano. Hannibal ante portas.

Se a minha memória ginásial não me falha, foi Iugurtha que exclamou ao ver Roma: Oh urbem venalem et mature perituram. Hoje teria retificado a sua exclamação, (cuja única utilidade é a de demonstrar uma regra da gramática latina), e teria exclamado isto: Oh urbem venalem et ergo aeternam.

De assissi.

A ecologia ensina que o animal e a planta podem ser compreendidos apenas dentro do seu ambiente. Com efeito: o animal e a planta destacam-se do ambiente apenas pela racionalização humana. Por exemplo: o lago é uma totalidade. É um ser que está aqui, ante a visão e a mão humana. Distinguir nele cisnes e minhocas, carpas e libélulas, a água, o ar e o fundo lamacento, é violentar o lago por manipulação mental, (e material), humana. Mas a situação do homem é diferente da do animal e da planta. Não está englobado pelo seu ambiente. Supera o ambiente: existe. Afirma seu próprio ser em oposição ao ambiente no qual se encontra. O homem é ele próprio e mais o seu ambiente. Eu sou eu e minha circunstância, diz Ortega.

A visão da planície da Umbria que se desfralda da colina de Assissi desmente a análise existencial orteguiana. É a visão de um ambiente humano. Na Umbria não existe o homem. Querer destacar o homem do seu ambiente, querer distingui-lo dos campos, das árvores, das ovelhas, é querer violentar uma realidade dada. Os castelos, (embora produtos humanos), brotam do seu chão como plantas. Os vinhos e os queijos, (embora frutos de manipulação humana), são frutos imediatos e orgânicos do ambiente. E o vinho, o queijo e o azeite, esses frutos de integração humana, atestam esteticamente a sua organicidade ao se refundirem na boca. Reencontram, na boca, o chão, o sol, o ar, o ambiente comum, em suma: reencontram na boca a Umbria. Na Umbria não existe o homem. O homem na Umbria nasce umbricamente, come umbricamente, ama umbricamente, morre umbricamente. No homem da Umbria a Umbria nasce, come, ama e morre.

VILÉM FLUSSER

Como posso afirmar que na Umbria não existe o homem? Acaso não é sintoma da existência humana a modificação do ambiente? Acaso o homem não afirma a sua existência manipulando o seu ambiente, criando "história"? E, acaso não é a Umbria um ambiente totalmente manipulado, totalmente humanizado? A ponto de não podermos distinguir entre história e natureza? Mas essa fusão entre história e natureza é justamente o meu argumento. O tempo úmbrico não é um fluxo. Passado e presente co-existem. O parreiral moderno não se distingue do etrusco, a torre romana foi construída para servir de hotel atual, e o castelo ostrogodo repousa sobre fundamentos neolíticos e abriga a prefeitura da atualidade. Se história é modificação uniforme, não há história na Umbria. Há modificações, isto sim, e modificações humanas. Mas essas modificações são os processos orgânicos da própria Umbria, não a afetam essencialmente. A essência úmbrica é a histórica, é imutável. E essa essência inclui o homem. A cena que vislumbramos de Assisi é essencialmente a mesma vislumbrada pelos invasores godos, e latinos, e etruscos, e neolíticos: a cena de um ambiente no qual está integrado o homem.

A autoestrada do Sol, as fábricas de vinho e os edifícios funcionais integram a cena como a Via Flaminia, as granjas romanas e os castelos. Atestam, como sempre, e a historicamente, que o homem mora na Umbria e por ela está abrigado. Como moram e estão abrigadas pela Umbria as suas aves. Não admira que São Francisco falava a língua dos pássaros: era como eles. Giotto e Cimabue não são pintores da Umbria: a Umbria se pinta a si própria por eles. A cultura etrusca surge na Umbria? Não: a Umbria surge na cultura etrusca. O Renascimento lança as suas bases intelectuais e artísticas na Umbria? Não: a Umbria lança o Renascimento sobre a humanidade do Ocidente. A Umbria a histórica, a Umbria que é natureza e cultura.

E nós, os que existimos? Nós, os que procuramos umbrificar o nosso ambiente? Nós, que estamos na situação orteguiana? Sobre nós pesa a maldição da existência, proclamada na porta de saída do Paraíso. Não podemos voltar para a Umbria num desejo desesperado de integração e felicidade. A nossa é a procura de uma nova Umbria nos espaços gélidos e desumanos que a cercam, inclusive nos espaços abismais do sistema planetário e da mente. Mas a nossa volta para a Umbria, para as nossas raízes, (e mesmo se uma volta enquanto "turistas"), é uma retomada do contacto com as origens. Lá reconhecemos o nosso projeto. No ambiente restrito e em miniatura da Umbria reconhecemos o projeto da nossa cultura. Reconhecemos nela aquilo que queremos ser, e que devemos ser, para sermos fieis a nos mesmos e dignos da nossa herança. Reconhecemos, na Umbria, "ex digito gigante".

.....

Caro dr. Décio: ainda muito obrigado pelas suas inúmeras gentilezas. O prof. Marillo Mendes estava de férias. Falei com o encarregado cultural da embaixada, com o chargé d'affaires, e com a bibliotecária. Incluirão o Suplemento na biblioteca. A Embaixada (piazzza Navona) é maravilhosa. Serve este artigo? Um abraço amistoso. Soglio, 2/9